

**Quarup de
Antônio
Callado:
literatura, sociedade
e política no Brasil
dos anos 1960**

**Pedro Henrique
Resende Toledo***

DOI:10.11606/issn.2318-8855.v1
2i1467-489

RESUMO: Os períodos anterior e imediatamente após-1964 foram de imensa riqueza cultural e efervescência política, os quais foram expressos, a seu modo, na literatura e nas artes de modo geral especialmente em um romance que podemos dizer paradigmático do período, em que é colocado no centro da representação o “pequeno mundo” dos intelectuais face ao “grande mundo” das massas, do povo brasileiro. Devido ao caráter extensivo da forma e conteúdo do romance, o historiador pode encontrar fontes importantes sobre essa época dramática da História política e cultural do Brasil. Nesse contexto, o romance *Quarup* de Antônio Callado ilustra exemplarmente a característica dialógica do gênero; haja vista que nele estão as ideologias e discursos se contrapondo, ou confluindo.

Palavras-chave: Cultura Política; 1964; Literatura; *Quarup*.

* Graduando em História pela Universidade Federal do Pará (UFPA). E-mail: pedro.phrl12345@gmail.com.

1.Introdução

Os anos sessenta do século passado, especialmente no Brasil, foram agitados. Talvez não tenha havido período em que a cultura e os artistas tenham sido mais engajados politicamente. E *Quarup* de Antônio Callado, constantemente citado como um romance fundamental de uma época; deixa claro sua leitura, o porquê da afirmação. Não é caso individual; a comparação com outras obras artísticas demonstra uma confluência temática e é fundamental fazê-la.

No entanto o que seria uma literatura representativa de um período? E mais: uma literatura engajada? Não se trata simplesmente de paralelismos entre a narração de fatos históricos e a narração ficcional. A questão teórica da produção e recepção de uma obra literária, em face do conjunto de outras determinações da sociedade, é questão teórica fundamental.

A literatura pode ser um objeto muito importante nos estudos da sociedade de uma época determinada. Antes de tudo uma obra literária está inserida como um momento no todo social, guardando relações mediadas com várias instâncias. Desde a formação complexa e intrincada de influências e determinações no imaginário muitas vezes incoerente do autor, até sua recepção nos mais diversos indivíduos e setores sociais; passando por processos mais prosaicos, mas não menos importantes, como a edição dos exemplares do texto, divulgação, preço etc. Processos necessários e que afetam de diversas maneiras a produção e a recepção dos textos literários. Portanto, no antes e depois, no interior e no exterior, na produção e recepção da obra, existe um sistema de intermediações sociais.

Não é o propósito aqui discutir de maneira mais aprofundada as teorias estéticas e literárias da história e da modernidade em especial, mas chamar a atenção

Quarup de Antônio Callado: literatura, sociedade e política no Brasil dos anos 1960

para a ligação do conteúdo e da forma artística com o todo de uma sociedade. Para Georg Lukács (2009), seguindo o caminho trilhado inicialmente por Hegel, conjugado com a obra teórica de Marx e Engels, a literatura, e a arte de modo geral, é no desenvolvimento capitalista constantemente deformada. Com o desenrolar desse desenvolvimento hostil ao mundo artístico, os escritores tendem cada vez mais a se voltarem para si mesmos, para o seu “pequeno mundo”.

A contraposição, e contradição, indivíduo/sociedade é típica da modernidade capitalista e do seu gênero literário mais representativo, o romance. Essa constatação já era feita por Hegel ainda na primeira metade do século XIX. O importante para os nossos propósitos, é a inserção que se faz da estética dos gêneros artísticos, com o desenvolvimento da sociedade em sua totalidade.

Já Nicolau Sevcenko em *Literatura como Missão* (2003), destaca a função da literatura como o ponto mais elevado, o limite último do discurso, em que no seu conteúdo não está apenas a representação ou a reprodução da realidade social dada, mas a ênfase nas suas possibilidades futuras, inclusive as que se contrapõem a própria realidade do “aqui e agora”, do *status quo*. Literatura e história têm uma relação complexa, não de simples reprodução daquela sob esta:

Em primeiro lugar, eles permitem entrever a produção literária, ela mesma como um processo, homólogo ao processo histórico, seguindo, defrontando ou negando-o. Nem reflexo, nem determinação, nem autonomia: estabelece-se entre os dois campos uma relação tensa de intercâmbio, mas também de confrontação (SEVCENKO, 2003, p. 246.).

A confrontação com a ordem social, com as classes dominantes e o Estado, torna-se desígnio consciente de uma certa intelectualidade crítica. O escritor nesse sentido não está isolado, mas é expressão de valores comuns de uma comunidade de

leitores e escritores em que a aversão à ordem social é um elemento assentado.

Antônio Candido (2002) destacou em seus estudos a importância da relação entre obra e público e, por conseguinte, autor e público. Relação fundamental, pois um autor escreve sempre para um público, mesmo que muito específico. É através dos leitores com quem compartilha certos valores, que o autor é compreendido funcionalmente no meio social. Há, portanto, com relação a este último uma relação circular, pois o autor é também de alguma maneira, ou de diversas maneiras, condicionado pela sociedade, mesmo que seja para se contrapor a ela, na construção de sua obra; e essa portanto através de seu público que a consome, atua sobre o ambiente social. Ou no seu dizer:

A literatura é pois um sistema vivo de obras, agindo umas sobre as outras e sobre os leitores; e só vive na medida em que estes a vivem, decifrando-a, aceitando-a, deformando-a. A obra não é produto fixo, unívoco ante qualquer público; nem este é passivo, homogêneo, registrando uniformemente seu efeito. São dois termos que atuam um sobre o outro, e aos quais se junta o autor, termo inicial desse processo de circulação literária, para configurar a realidade da literatura atuando no tempo (CANDIDO, 2002, p. 68).

É importante salientar, mesmo que de maneira resumida, algumas características gerais desse tipo de narrativa ficcional: o romance; como gênero literário específico tem algumas particularidades estéticas e históricas. É antes de tudo um gênero da modernidade capitalista e tem uma ligação profunda com essa formação social, ou seja, não é apenas uma coincidência; está expressa na filosofia estética de Hegel e posteriormente de Lukács; este último chama a atenção para o que denomina gênese “histórico-filosófica” do gênero. Segundo a visão hegeliana — e lukacsiana, em parte — o romance tem uma ligação de corte histórico-teleológica com o caráter extensivo das antigas epopeias; extensivo quanto à expressão de uma

Quarup de Antônio Callado: literatura, sociedade e política no Brasil dos anos 1960

totalidade social, e seus diversos personagens e nuances.

Mas ao contrário da epopéia, em que existe uma correspondência entre autor onisciente e personagens, o romance expressa uma totalidade prosaica, em que não há uma unidade de sentido entre os indivíduos, suas ideias, paixões e ações. A visão de mundo do autor e dos seus personagens não são as mesmas, e entre estes o diálogo demonstra as incompatibilidades ou contradições configuradas no conteúdo da obra. O romance figura problemas, raramente resoluções definidas. Por isso o recurso da ironia ser tão importante na forma do romance, ela expressa a distância do artista criador e do seu herói (LUKACS, 2009, p.95). Aquele geralmente não expressa sua ideologia ou visões de mundo através deste. A pluralidade de discursos no interior da forma do romance é, portanto, típica do gênero.

Sobre essa pluralidade de discursos é impossível não remeter às contribuições de Mikhail Bakhtin na sua filosofia dos discursos, principalmente no que diz respeito a teoria do romance (2009). O diálogo e o que chama de plurilinguismo do romance é fundamental na sua teoria. Segundo o autor:

Todas as palavras e formas que povoam a linguagem são vozes sociais e históricas, que lhe dão (ao romance) determinadas significações concretas e que se organizam no romance em um sistema estilístico harmonioso, expressando a posição sócio ideológica diferenciada do autor no seio dos diferentes discursos da época (BAKHTIN, 2002, p. 106).

Faz parte do conteúdo do romance a disposição de uma pluralidade de discursos, como está na prosa de maneira geral, mais “próxima” da vida dos grupos humanos em sua cotidianidade, cada um exprimindo certos pontos de vista. Nesta teorização de Bakhtin, gênero romanesco está muito mais ligado ao “aqui e agora” social, na sua conjuntura fluida, aparentemente caótica, configurada com e na

subjetividade dos personagens.

O romance e sua polifonia de discursos é uma fonte riquíssima, portanto, para os estudos sociológicos e históricos. Devido ao caráter extensivo da forma e conteúdo no romance, o pesquisador pode encontrar fontes importantes sobre uma época específica. *Quarup* de Antônio Callado ilustra exemplarmente a característica dialógica do gênero; nele estão as ideologias e discursos se contrapondo, ou confluindo. É importante, portanto, neste estudo, uma maior digressão sobre os acontecimentos políticos e sociais do período um pouco anterior e um pouco posterior ao golpe de 1964. Tempo onde se passa o romance.

2. O Golpe e o novo regime

Quando as tropas do general Mourão Filho saíram de Minas Gerais em direção ao Rio de Janeiro com objetivo de derrubar o governo João Goulart a reação imediata dos movimentos, políticos e intelectuais, ligados à esquerda foi de surpresa e paralisia. Surpresa talvez não para todos, pois, a sombra do golpe de Estado e a movimentação de um setor decisivo para seu sucesso, os militares, já vinha de mais de uma década.

Podemos recuar até o golpe que levou Vargas ao suicídio em 1954, seguido de um interregno, de frágil otimismo, que foi o mandato de Juscelino Kubistchek. Para depois, a tensão voltar com a força de costume, e se intensificar com a renúncia de Jânio Quadros, e a subida ao poder de um filho político de Getúlio Vargas, e inimigo dos que, a fim de exterminar a herança varguista, apoiaram o candidato escolhido pela UDN. A solução para a crise de 1961 foi um artifício improvisado, a criação de um parlamentarismo, tentativa de conciliação do Congresso com os militares visceralmente antijanguistas. A tentativa de domar Jango por esse artifício, durou

Quarup de Antônio Callado: literatura, sociedade e política no Brasil dos anos 1960

pouco mais de um ano, sendo derrubado por um plebiscito. A convulsão social continuava e acentuava-se. Até o desdobramento final em primeiro de abril de 1964 (GASPARI, 2012).

A confiança que as forças governistas tinham no “dispositivo militar” do presidente demonstrou-se injustificável. O golpe, e a ditadura militar que se seguirão, não foi apenas uma mudança política e econômica, foram importantes na cultura brasileira. A desilusão, e até o desespero, abateu a grande parte dos intelectuais inseridos na luta política contemporânea. O exame de consciência vai consumir profundamente os derrotados. Com o passar dos anos e das décadas, a cultura política de antes de 1964 vai ser vista como antiquada, de uma intelectualidade ingênua e iludida. A literatura e o cinema vão refletir esse clima pós-64.

Apesar da ditadura implantada e as dificuldades criadas pelo novo governo, haverá, no entanto, um fôlego do engajamento político até o final da década. Quando da subida ao poder de Costa e Silva em 1967, o recrudescimento da ditadura afetou com maior intensidade as editoras e a imprensa, sufocando cada vez mais aquela cultura politizada que, de certa maneira, hegemonizou desde o final da década de 50 (SCHWARZ, 2008, p. 70).

O intelectual nesse período assumia um papel de formulador de propostas, de críticas, um papel na desmistificação e conscientização do povo. Ou seja, tentou-se expandir os seus interlocutores (o seu público) para além de um grupo seletivo da elite intelectual. A questão da politização das classes dominadas, foi central, e chegou ao nível máximo com os Centros Populares de Cultura (CPC) da UNE (União Nacional dos Estudantes (ORTIZ, 1994, p. 68). A caracterização de Antônio Cândido da literatura brasileira dos anos 1930 é, nesse sentido, muito interessante, tendo em vista os seus desdobramentos nas próximas décadas, até chegar os anos 60:

Pedro Henrique Resende Toledo

A inteligência tomou finalmente consciência da presença das massas como elemento construtivo da sociedade; isto, não apenas pelo desenvolvimento de sugestões de ordem sociológica, folclórica, literária, mas sobretudo porque as novas condições da vida política e econômica pressupunham cada vez mais o advento das camadas populares. Pode-se dizer que houve um processo de convergência segundo o qual a consciência popular amadurecia, ao mesmo tempo que os intelectuais se iam tornando cientes dela. E este alargamento da inteligência em direção aos temas e problemas populares contribuiu poderosamente para criar condições de desenvolvimento das aspirações radicais que, tentavam orientar, dar forma, ou quando menos, sentir a inquietação popular (CANDIDO, 2002, p. 101).

As mudanças culturais e ideológicas vividas no país desde os anos trinta, são concomitantes, das reformulações socioeconômicas e políticas que aconteciam nesse período. A formação e concentração de um proletariado urbano cada vez maior, e ativo politicamente, nos espaços urbanos. Consequência de um País que começava a transformar a sua base produtiva, de produtos primários, essencialmente o café, para produtos manufaturados e industriais, satisfazendo uma demanda interna da população que crescia constantemente. A criação do Partido Comunista Brasileiro (PCB), ainda nos anos 20 e mais tarde de grandes movimentos de massas nacionais, Aliança Nacional Libertadora e a Ação Integralista Brasileira na década de 1930, são respostas políticas às graves transformações que passava o País.

Existia em todo aquele caldo cultural da década 60 que já vinha das décadas passadas, as discussões sobre o nacionalismo, a saber, a emancipação da nação do jugo imperialista e dos seus aliados internos, principalmente o setor latifundiário. A revolução brasileira era anti-imperialista e antilatifundiária; para levá-la a cabo era preciso não só a união dos trabalhadores urbanos e rurais, mas também de uma fração importante da burguesia nacional; essa perspectiva de uma “frente única” nacionalista dominava principalmente desde a primeira metade da década de 1950,

Quarup de Antônio Callado: literatura, sociedade e política no Brasil dos anos 1960

no segundo governo de Getúlio Vargas. Se engajaram, nesse período, numa campanha conhecida, intelectuais, políticos e militares, pela criação da Petrobrás alçada a símbolo da soberania nacional. É importante o papel que teve o PCB nesse momento, que apesar de não ter uma ação partidária legal, de certa forma conseguiu unificar o pensamento político de esquerda da época, não só o partido enquanto instituição, mas também pelos intelectuais de grande relevo que se vincularam ao partido e que de alguma forma também o representavam publicamente.

Nos primeiros anos da década 60, durante a presidência de João Goulart (Jango), radicaliza e intensifica-se a efervescência cultural e política; criação da CGT (Comando Geral dos Trabalhadores), da radicalização da UNE (União Nacional dos Estudantes) e dos seus Centros Populares de Cultura e várias outras iniciativas, e governamentais como as do governo do Pernambuco de Miguel Arraes. No dizer de Marcos Napolitano:

A vida cultural brasileira também se agitou em meio à agenda reformista sugerida pelo presidente, adensando uma série de iniciativas culturais, artísticas e intelectuais que vinham dos anos 1950 e apontavam para a necessidade de reinventar o país, construí-lo sob o signo do nacionalismo inspirado na cultura popular e do modernismo, a um só tempo. O governo Jango aglutinou uma nova agenda cultural para o Brasil, e o fim do seu governo também foi o fim desta elite intelectual que apostou no reformismo e na revolução. Ou melhor, no reformismo como caminho para uma revolução, uma terceira via que nunca chegou a ser claramente mapeada entre a socialdemocracia e o comunismo de tradição soviética (NAPOLITANO, 2014, p. 15).

O golpe de 1964 é de alguma forma o início do declínio do PCB que era então o partido de esquerda com maior influência política no país. Seguiu-se o descrédito do seu programa político, sobretudo da sua confiança depositada em Jango, e a falta de

Pedro Henrique Resende Toledo

organização para uma resistência à investida golpista. A partir do vitorioso golpe civil-militar que instaurou a ditadura no país, muitos militantes do PCB procuraram outra forma de ação política. Uma dura crítica ao pensamento dominante na esquerda da época veio em 1967, de dentro das fileiras do Partido; é *A Revolução Brasileira* de Caio Prado Júnior (PRADO JUNIOR, 1966). Erros teóricos e práticos, que na visão do autor fizeram com que os comunistas apoiassem o governo desenvolvimentista (se bem que aberto ao capital estrangeiro) de Juscelino Kubistchek, visto como governo da burguesia nacional, portanto digno de apoio. A posição de Caio Prado foi desde antes do golpe, um tanto diversa da posição oficial do partido, que propunha aquela união nacional contra os “restos feudais” e o imperialismo. 1964 foi tido com o passar dos anos como prova da impossibilidade dessa estratégia de união com setores das classes burguesas.

A luta armada foi uma escolha feita por grupos de esquerda, muitos saídos do PCB, outros alheios a ele. E é sintomático que além de *Quarup* (2014), o romance *Pessach* (1997) de Carlos Heitor Cony, ambos de 1967, termine com seus protagonistas na guerrilha. A luta armada foi de certa forma uma linha de chegada do caminho que vinha sendo trilhado desde 1964. Roberto Schwarz ainda próximo, em 1969, faz balanço interessante sobre a segunda metade da década:

Durante esses anos, enquanto lamentava abundantemente o seu confinamento e a sua impotência, a intelectualidade de esquerda foi estudando, ensinando, editando, filmando, falando etc., e sem perceber contribuíra para a criação, no interior da pequena burguesia, de uma geração maciçamente anticapitalista. A importância social e a disposição de luta dessa faixa radical da população revelam-se agora, entre outras formas, na prática dos grupos que deram início à propaganda armada da revolução. O regime respondeu, em dezembro de 1968, com o endurecimento (SCHWARZ, 2008, p. 72).

A efervescência da vida cultural brasileira está ligada fundamentalmente com

Quarup de Antônio Callado: literatura, sociedade e política no Brasil dos anos 1960

as mudanças que ocorreram na sociedade brasileira, e a conseqüente entrada esmagadora das massas na política. Não havia pretensão de fuga da política e da vida social, mesmo depois do golpe; o refluxo não se deu como o esperado pelos novos donos do poder. Os pruridos liberais do marechal Castelo Branco, seguravam, ou amorteciam a brutalidade dos militares da “linha dura”; no entanto, o “terrorismo cultural” foi constante e aumentou-se ainda mais a convulsão e a oposição de pessoas públicas às ações dos órgãos do governo, mesmo entre os que inicialmente apoiaram a “Revolução”. A importância da discussão político-teórica do período imediatamente pós-1964 pode ser constatada pelo trabalho que teve a Editora Civilização Brasileira e das tiragens de sua revista. Ênio Silveira, editor e empresário, chegou a dizer que em uma conversa com Jean Paul Sartre, este lhe disse que a Revista Civilização Brasileira tinha tiragem maior que sua revista, de renome mundial, *Temps Modernes* (TOLEDO, 2014, p. 194).

Os intelectuais como uma vanguarda social politizada se colocaram constantemente na posição de autorreflexão sobre qual seria seu papel na vitória da revolução, e claro, também na sua derrota. A imagem do protagonista, um intelectual, do filme de Glauber Rocha, *Terra em Transe* de 1967, segurando uma metralhadora em um ambiente deserto, brandindo em um clímax de tragédia é representativo.

3. O romance e suas interpretações

O romance de Antônio Callado foi visto desde o seu lançamento como o grande livro representativo dos impasses históricos do período, mas ainda no campo da ficção e do romance em especial, um livro como *Pessach: A Travessia* de Carlos Heitor Cony (HEITOR CONY, 1967), guarda uma proximidade notável com aqueles mesmos

impasses e as maneiras como eram diagnosticados. E note-se que o desfecho de ambos os romances são, em certa medida, convergentes, como foi mencionado acima.

É importante sublinhar as características da figuração dos romances com aqueles dilemas da intelectualidade da época. Os protagonistas são em certa medida autobiográficos. O personagem do romance de Cony, por exemplo, é um escritor, meio apolítico, meio niilista, cuja única atitude em face da ditadura é assinar declarações de repúdio. O conformismo e isolamento do personagem, assolado com profundas crises existenciais e imenso tédio de uma vida sem sentido, é então surpreendido pela visita de um amigo envolvido em organização clandestina que prepara uma luta armada. A recusa peremptória no primeiro momento é aos poucos sendo impossibilitada pelo intrincado de acontecimentos que se sucedem. O personagem, um “pequeno-burguês”, sem ligação consciente com os problemas nacionais e do povo, vai aos poucos se inserindo nessa comunidade clandestina preenchendo sua vida com um sentido claro e inexorável, sentido para “fora”, para luta política, e finalmente para luta armada. O final, um tanto romântico, do guerrilheiro com nenhum medo da morte, numa luta suicida, é o resultado trágico, mas figurado como moralmente superior. Esse último ato trágico se assemelha muito àquele do filme de Glauber Rocha, um voluntarismo heroico.

Atemo-nos agora ao livro chave aqui discutido. O seu autor, Antônio Callado, antes do lançamento de *Quarup*, em 1967, já tinha uma carreira consolidada como jornalista e algumas obras de ficção, na dramaturgia e outros dois romances. Grande parte do material que vai servir de base para criação dos personagens e do enredo neste romance está nas suas investigações publicadas em jornais e depois juntadas em livros; como foram, *O Esqueleto na Lagoa Verde* (2012), lançado em 1953, relato de

Quarup de Antônio Callado: literatura, sociedade e política no Brasil dos anos 1960

suas andanças pelo Xingu e o contato com os indígenas; e *Tempo de Arraes* (1979), lançado alguns meses depois do golpe de 1964, em que enfoca o intenso movimento político que se desenvolvera em Pernambuco durante o governo de Miguel Arraes. O trabalho jornalístico de Callado é incorporado, em grande parte, na sua ficção, dando maior riqueza de detalhes para o seu conteúdo e a realidade que está sendo representada, como fica claro quando se compara esses textos com *Quarup*.

O romance de Antônio Callado, sob o ponto de vista artístico e histórico é mais ambicioso que o de Cony; recua até antes do golpe, à década de 1950, e na sua história estão vários caracteres típicos do período: os comunistas, as Ligas Camponesas; e o topos comum na literatura brasileira: o sertão, o centro geográfico do Brasil, que galvanizou o projeto de construção de Brasília e a integração do Brasil.

O autor realmente tenta abarcar vários dos pontos que considerava essenciais na história recente do país. Mas foquemos no essencial do ponto de vista dos personagens que é a perspectiva do intelectual, que não propriamente pertence (ou não se sente pertencer) ao povo, tampouco pertence às classes dominantes. Nando, o protagonista, sofre grandes transformações ao longo do romance. Mesmo a vida conventual de padre, não o separa do que acontece “fora”. Todas as suas ações têm como fundo existencial essa busca do Brasil, enquanto Povo e Nação, por isso a importância simbólica do centro geográfico. O que acontece na vida do personagem pode ser sintetizado por esse trecho da crítica de Ferreira Gullar:

... me parece possível afirmar que ele descreve um processo de desalienação de um homem, que termina por se transformar em povo, que pode ser agora qualquer um... (...) o fundamental, é a afirmação implícita no romance de que é preciso “deseducar-se”, livrar-se das concepções idealistas, alheias à realidade nacional, para poder

encontrar-se (GULLAR, 1967, p. 256).

Um tema constante e fundamental no romance é o da questão das populações do interior do país, do mundo rural, do sertão, tanto os indígenas do rio Xingu, quanto os trabalhadores rurais da zona da mata pernambucana, com o desenvolvimento de uma efervescência dos movimentos sociais e sindicais no seu meio. O tema do campo na teoria e política da época era central. Indígenas, camponeses e trabalhadores rurais eram os excluídos de todo aquele desenvolvimento econômico e social por que passava o Brasil. Estavam fora, ou mal incluídos na sociedade capitalista moderna.

Nando, em sua visão religiosa e utópica, na primeira parte do livro, pretende a criação de uma sociedade composta pela população indígena, perfeita em si mesma, uma visão idealizada dos aldeamentos jesuíticos do período colonial. Para dar cabo ao seu projeto idealizado, viaja então ao recém-criado parque do Xingu, afim de conhecer os seus habitantes. As doenças, os conflitos com o homem branco, no entanto, fazem com que Nando redefina progressivamente sua visão de mundo, é “deseducado”. Mas não muda a direção geral de suas atitudes: o mundo rural, o Brasil do interior, o sertão, é ainda seu objetivo. Essa visão, é a de que nesses recantos é que está o Brasil “profundo”, a cultura popular e nacional e autêntica. Schwarz destaca em seu ensaio já citado, essa visão de mundo que perpassa a cultura brasileira:

Uma figura tradicional da literatura brasileira deste século é o fazendeiro do ar: o homem que vem da propriedade rural para a cidade, onde recorda, analisa e critica, em prosa e verso, o contato com a terra, com a família, com a tradição e com o povo, que o latifúndio lhe possibilitara. É a literatura da decadência rural. Em *Quarup*, o romance ideologicamente mais representativo para a intelectualidade de esquerda recente, o itinerário é o oposto: um intelectual, no caso um

Quarup de Antônio Callado: literatura, sociedade e política no Brasil dos anos 1960

padre, viaja geográfica e socialmente o país, despe-se de sua profissão e posição social, à procura do povo, em cuja luta irá se integrar — com sabedoria literária — num capítulo posterior ao último do livro (SCHWARZ, 2008, p. 110).

O mundo rural é ainda um mundo regido por leis pré-capitalistas, é a raiz do moderno País; é onde está seu passado cultural "autêntico". A revolução brasileira viria do campo ou este teria um papel fundamental nela; era um consenso nas esquerdas brasileiras do período. Seja qual fosse a conceituação que se fizesse do tema ("feudal" ou "capitalista"?), a transformação no campo era fundamental para o futuro da Nação.

O final da quarta parte do livro, em que é narrada a expedição para o centro geográfico do Brasil, é também importante na construção do sentido que o romance delinea, principalmente em relação ao herói, Nando. Os indígenas que habitam próximos ao centro geográfico, os crenacarore, estão famintos e com sarampo, a aldeia devastada, e quase toda a população liquidada. A doença foi trazida provavelmente por seringueiros, que já estavam ali perto. Essa imagem de devastação encontrada pela expedição é simbólica. É uma contraposição à imagem interior que Nando tinha ao início do romance. É a desconstrução da tradição de Alencar.

A imagem do pessimismo e da desilusão, é o terreno em que é hasteado o pau em que seria colocada a bandeira nacional, terreno sobre um imenso ninho de saúvas. Quando o hidroplano chega para buscá-los na foz de um rio, as notícias, distantes, como que de outro País, quase alheio, chegam: Jânio havia renunciado. É interessante notar a distância que separa aqueles personagens da política nacional, e ao mesmo tempo, uma proximidade simbólica. O anticlímax, a desilusão com o

Pedro Henrique Resende Toledo

centro, o “coração do Brasil”, vivenciada por aqueles personagens, é importante no desenvolvimento posterior da narrativa, e no seu conteúdo mesmo. É um elemento fundamental da formação do personagem principal e dos outros.

É perceptível ao longo do romance, como já foi destacado, as relações às vezes contraditórias entre os intuitos, desejos, motivações pessoais e existenciais, e a ação política e revolucionária. O amor quase religioso de Nando por Francisca é um impulso fundamental para toda a sua ação, inclusive a sua decisão final. O “mundo de Francisca” da parte final do romance é a ligação conclusiva para o personagem dos seus motivos amorosos e existenciais, do seu “pequeno mundo”, com o “grande mundo” das questões sociais e políticas que embalam a País.

Depois de suas andanças pelo interior Nando volta para Pernambuco, já não mais padre, onde se envolve politicamente na organização dos sindicatos camponeses. É interessante ver a importância que tem para o autor o que se passava de fato com os camponeses em particular no estado de Pernambuco antes de abril de 1964. Lendo *Tempo de Arraes* (1979), uma coletânea de artigos sobre as Ligas Camponesas, os sindicatos rurais, e seus comunistas e padres “vermelhos”, as polícias do governo do estado, o Movimento Cultura Popular e o método de alfabetização de adultos de Paulo Freire, temos logo a impressão de que vários daqueles personagens reais são reproduzidos no seu romance em várias de suas características. Nos seus artigos Callado coloca a importância que tinha para ele aquela experiência, digna de ter um papel essencial na sua ficção, como deixa claro nesse trecho:

A revolução de Pernambuco era “piloto”, no sentido de que provavelmente inspiraria a revolução maior, brasileira, e ambas tinham jeito de triunfar à brasileira com bons modos e pouco sangue. Agora não sei. O que inconscientemente deseja talvez o regime do Ato Institucional de 9 de abril de 1964 é contrariar a revolução do povo para

Quarup de Antônio Callado: literatura, sociedade e política no Brasil dos anos 1960

ver a cara do Brasil desconhecido que há séculos borbulha por baixo da nossa preguiça de fazer História (CALLADO, 1979, p. 42).

Apesar de todos esses elementos, de certa maneira, *Quarup* não é um romance realista, no sentido clássico. Não é narrada extensivamente a situação social e política na perspectiva de um narrador onisciente, ou seja, para além da subjetividade dos personagens; ao contrário, a interioridade de Nando, os seus fluxos de consciência, é o que realmente importa na figuração. A sua formação vai se dando justamente no diálogo com os seus diversos interlocutores: comunistas, indigenistas, ingleses protestantes, católicos anticomunistas etc. É parte da figuração do romance, portanto, a contradição, cisão, ou em alguns casos até um abismo, entre esse mundo das ideias, das teorias e da sociedade brasileira que se transformava de maneira vertiginosa (JOSÉ DA COSTA, 1988, p.11). A profusão de linguagens e discursos no interior de *Quarup* é exemplar da teoria do romance de Bakhtin. O sujeito que fala no romance é sempre,

... em certo grau, um ideólogo e suas palavras um ideograma. Uma linguagem particular no romance representa sempre um ponto de vista particular sobre o mundo que aspira uma significação social (BAKHTIN, 2002, p. 135).

O diálogo tem essa função fundamental para expressar através da voz dos personagens as ideologias que o autor posiciona em sua narração, todos sempre referidos como peças do quadro geral, “objetivo”, da história da época. Os discursos são, em última instância, historicizados. Por isso, há uma importância documental para a história das ideias ou das mentalidades, e uma história política, não propriamente “institucional”, ligada essencialmente ao Estado, mas uma história política ligada àquelas outras abordagens.

Pedro Henrique Resende Toledo

Por mais generalizável que seja o sentido de um discurso literário em específico, ele sempre necessita de uma maior particularização, uma proximidade “real” com os indivíduos e com suas vidas transpostas para a narrativa (real ou inventada). Dentro de um texto literário há, muito frequentemente, um espaço aberto para uma maior pluralidade de discursos, de ações, que podem ser muito úteis e enriquecedores ao discurso historiográfico; este muitas vezes estático, na sua ânsia de mera exposição de “estruturas” gerais. A narração da vida de indivíduos singulares, sem aparente importância no quadro geral, ou institucional, pode iluminar brechas nos sistemas aparentemente rígidos. A discussão com a micro-história (LEVI, 2011, p.157) é interessante para iluminar teoricamente a relação entre literatura e história, já que aquela corrente historiográfica se aproxima muito em um sentido formal da narração ficcional: contar histórias de indivíduos, não no que há de abstrato, em termos apenas de classe social ou sociedade nacional por exemplo, mas nas suas singularidades de vida narrada, com suas diversas visões de mundo.

A importância do livro de Callado são justamente os aspectos subjetivos de uma ou várias dessas visões de mundo que estavam em embate no período, formulando uma identidade do Brasil, uma “brasilidade”, e para através dessa agir dentro da sociedade, todas passando para o leitor através do crivo da subjetividade de Nando. Em *Quarup*, algumas das ideias e teorias sobre a formação da nacionalidade estão no meio de um turbilhão, em que a cada passo são abaladas pelo próprio movimento histórico.

Com o golpe de Estado e a desarticulação e forte repressão verificada em Pernambuco de imediato, Nando se distancia da luta social e vive uma vida à margem, sem trabalho e pregando uma sexualidade livre; no entanto através de contatos reestabelecidos com antigos amigos, a política volta a figurar em sua

Quarup de Antônio Callado: literatura, sociedade e política no Brasil dos anos 1960

trajetória. O final do romance não é uma conclusão clara, uma caracterização definitiva do processo que estava passando o País, mas o processo de “deseducação” do herói em que suas ideias são pequenas para o “vasto mundo” do Povo:

Era isto talvez o que faltava a sua alegria: a certeza de que aquilo era gente boa e forte, que não precisava dele graças a Deus. Graças. O triste urubu cochilante na cerca apesar do zé-pereira estrondoso era o próprio Ibiratinga esperando que o Brasil apodrecesse para se alimentar. Vai morrer de fome... (...) Tinha de ficar alegre vendo que não era preciso salvar um povo salvo (CALLADO, 2014, p. 490).

Era essa a conclusão em que chegava Nando no último ponto da sua formação contada no romance. A decisão final é de refugiar-se no sertão e participar do movimento guerrilheiro, a última alternativa para continuar lutando. Esse ponto final já é o começo de uma nova trajetória, prefiguração do futuro aberto e ambíguo.

A interpretação de um texto literário, levando-se em conta sua ambiguidade intrínseca pode variar no tempo e no espaço — como já foi citado acima acompanhando as reflexões de Antônio Candido (2002) —, sendo fundamental a reação daqueles que o interpretam criticamente e a própria ressonância que a obra consegue na sociedade ou num meio social específico para manter a obra “viva”. Por conseguinte, são inevitáveis diferentes interpretações, costumeiramente contraditórias, na história da literatura. O romance, guarda ambiguidades que inevitavelmente levariam a compreensões díspares. É um livro sem dúvida engajado, colocando como positiva ou paradigmática a trajetória de Nando. No entanto, existe uma outra faceta, talvez mais implícita, que é da desilusão, do desencanto e da autocrítica dos que se sentiram profundamente derrotados no pós-1964. O romance é...

Pedro Henrique Resende Toledo

... um chamado à ação, mas não deixava de ser também um detalhado estudo sobre a intelectualidade brasileira, inclusive aquela que se pretendia mais “progressista” ou esclarecida. Os leitores mais argutos não deixaram de apontar no romance uma “dimensão crítica” (ou mesmo autocrítica) (ABRANCHES, 2021, p. 257).

Esse julgamento não está enfatizado na conhecida e já citada resenha crítica de Ferreira Gullar, apesar de a “deseducação” muito bem destacada pelo crítico, ou seja, o despojamento do idealismo, e intelectualismo dos personagens. Com o passar dos anos, e o distanciamento de 1964, a visão profundamente crítica (e autocrítica) e negativa da intelectualidade esquerdista, pelos que estavam mergulhados naquela visão de mundo e do Brasil, nos anos 1950 e 60, tornou-se de certa maneira dominante (MOTA, 2014). A crítica de Ligia Chiappini (2014) ao romance nesse caso é típica (1994). Na sua releitura *Quarup*,

... confronta discursos para traçar um retrato plural e fragmentário do Brasil, o único possível. E, ao confrontar esses discursos, vai desvendando a fragilidade das visões de Brasil e das soluções para o Brasil que a intelectualidade (padres, médicos, jornalistas, engenheiros, militares, antropólogos, entre outros) têm a oferecer (CHIAPPINI, 2014, p. 102).

Redescobre no livro:

... uma crítica radical ao projeto iluminista e à retórica dos intelectuais que se propõem como líderes do povo (CHIAPPINI, 2014, p. 104).

4. Considerações finais

O romance em questão não só é a expressão de um mundo real ou/e imaginário, degredado com o golpe, mas o vislumbre de um novo, inserido na ambiguidade da sua estrutura. De certo modo trata-se também de uma revisão do passado recente. Como no ritual de que é tirado o nome do livro, *Quarup* é a vinda dos mortos para o mundo dos vivos, é o passado vindo ao encontro do presente,

Quarup de Antônio Callado: literatura, sociedade e política no Brasil dos anos 1960

fermentando o futuro.

Esse é um romance de formação, de deseducação (como queria Gullar). Da batina à Guerrilha, esse é o caminho de seu personagem. O empreendimento de Nando teria sucesso? Se baseados numa visão retrospectiva, tratou-se de um fracasso, visto todo o drama da luta armada. Mas isso para a avaliação da obra pouco importa. Esse foi o desfecho concebido pelo autor em 1967.

Os romances posteriores de Callado, como *Bar don Juan* (1971) e *Reflexões do Baile* (1976), são romances bem menos otimistas em relação a este antecessor; o que em certo sentido corrobora a visão de Chiappini citada acima. No entanto suas obras posteriores foram escritas em uma conjuntura histórica já diversa a que é tratada neste artigo.

Quarup, neste ponto de vista retrospectivo, nos faz parecer o começo de uma ruptura com um passado de certeza no poder do engajamento revolucionário e no nacionalismo que via uma unidade e autenticidade na cultura e sociedade brasileira.

O romance de Callado está ligado essencialmente com seu período histórico, como procuramos demonstrar, isso no entanto não quer dizer que não tenha significado para o presente, dentro da sua forma literária estão perguntas e possibilidades de interpretação e ação política e cultural que transbordam a sua década.

Referências Bibliográficas

ABRANCHES, Sergio. Quarup; A deseducação do Público. **KRITERION**, Belo Horizonte, Edição Especial, jan/2021, p. 257-272.

<https://periodicos.ufmg.br/index.php/kriterion/article/view/29129>. Acesso em: 25/11/2021.

BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e de estética**: a teoria do romance. São Paulo: Hucitec, 2002.

CALLADO, Antônio. **Quarup**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2014.

CALLADO, Antônio. **Tempo de Arraes, a revolução sem violência**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

CANDIDO, Antônio. **Literatura e Sociedade**. São Paulo: Coleção Folha de São Paulo, 2002.

CHIAPPINI, Ligia. Nem lero nem clero: historicidade e atualidade em quarup de antonio callado. **Revista Brasileira de literatura comparada**, n. 2, p.97-108, 1994. <https://revista.abralic.org.br/index.php/revista/issue/view/2/showToc>. Acesso: 25/11/2021.

DOLABELA CHAGAS, Pedro. Interpretação Nacional e forma literária em Quarup, de Antônio Callado. **Sociopoética**. EDPUEPB. v. 1, n.18, 2017.

GASPARI, Elio. **A ditadura envergonhada**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2012.

GUILHERME MOTA, Carlos. **Ideologia da Cultura Brasileira (1933-1974)**. São Paulo: Editora 34, 2008.

GULLAR, Ferreira. Quarup ou ensaio de deseducação para brasileiro virar gente. **Revista Civilização Brasileira**, n.15, p. 256, 1967.

HEGEL, G. W. F. **Cursos de Estética IV**. São Paulo: Edusp, 2014.

Quarup de Antônio Callado: literatura, sociedade e política no Brasil dos anos 1960

HEITOR CONY, Carlos. **Pessach: A Travessia**. São Paulo: Companhia das letras, 1997.

JOSÉ DA COSTA, Edison. **Quarup tronco e narrativa**. Curitiba: Scientia et labor, 1988.

LUKACS, Georg. **A Teoria do Romance**. São Paulo: Editora 34, 2009.

NAPOLITANO, Marcos. **1964: história do regime militar brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2014.

ORTIZ, Renato. **Cultura Brasileira e Identidade Nacional**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

PRADO JR, CAIO. **A Revolução Brasileira**, São Paulo: Brasiliense, 1966.

RIDENTI, Marcelo. **Em Busca do Povo Brasileiro, artistas da revolução do CPC à era da TV**. São Paulo: Unesp, 2014.

SVECENKO, Nicolau. **Literatura como Missão: Tensões Sociais na Criação Cultural na Primeira República**. São Paulo: Companhia das letras, 2003.

SCHWARZ, Roberto. **O pai de família e outros estudos**. São Paulo: Cia das letras, 2008.

TOLEDO, Caio Navarro de (org.). **1964: visões críticas do golpe**. Campinas: Unicamp, 2014.